

ASSEMBLAGE HUMANO-ESCORPIÔNICA: UTILIZANDO METODOLOGIAS MAIS-QUE-HUMANAS PARA COMPREENDER O AFETO INTERESPÉCIE

Human-scorpion assemblage: using more-than-human methodologies to understand interspecies affection

Leonardo Luiz Silveira da Silva

Doutor em Geografia – Colégio Militar de Belo Horizonte, Brasil

leoluizbh@hotmail.com

Fabício Colodetti da Silva

Graduação em Biologia, Pós-graduado em Zoologia dos invertebrados

Centro Educacional Agostiniano, Brasil

fabriocolodetti@gmail.com

Carlos Magno Santos Clemente

Doutor em Geografia – Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil

carlos.clemente@ifnmg.edu.br

Recebido: 06/04/2024

Aceito: 11/11/2024

Resumo

O presente artigo visa evidenciar a cadeia de relacionamentos que entrelaça humanos e escorpiões no espaço urbanizado do município de Salinas-MG. Abandonando pretensões de determinância dessas relações, o trabalho em questão utiliza pressupostos mais-que-representacionais que visam exibir as manifestações de afeto e *performance* que integram não somente humanos e escorpiões, mas outros partícipes que ajudam a intermediar as relações entre estas duas espécies. Parte-se da hipótese de que as relações mais-que-representacionais são marcadas pela indeterminação que, por sua vez, fica evidenciada no levantamento das performances dos actantes. Ao abordar humanos e escorpiões, a metodologia utiliza estratégias assimétricas: entrevistas semiestruturadas para o levantamento do afeto e performance humana e, no caso dos escorpiões, levantamentos a partir de estudos técnicos a respeito de informações acerca de sua performance. É sugerido o termo *assemblage* humano-escorpiônica para aludir a zoopolis que emerge a partir do relacionamento de actantes. Destaca-se que este trabalho aborda metodologias ainda não bem disseminadas na geografia brasileira, mas já bem consolidadas na geografia anglófona. Mais do que determinar como se dão as relações, a metodologia visa atender o objetivo de apontar possibilidades de interação dos actantes, revelando distintas respostas à vida em rede. A relevância deste trabalho reside na originalidade em apresentar uma tentativa empírica de evidenciar a associação entre espécies mediante pressupostos mais-que-representacionais.

Palavras-chave: Actantes; Afeto; *Performance*; Geografia mais-que-representacional.

Abstract

This article aims to highlight the chain of relationships that tangles humans and scorpions in the urbanised space of Salinas-MG municipality. Abandoning pretensions of determination of these relationships, this investigation uses more-than-representational assumptions that aim to display the manifestations of affection and performance that integrate not only humans and scorpions but other participants that help to mediate the relationships between these two species. It is based on the hypothesis that more-than-representational relationships are marked by indeterminacy which, in turn, is evident in the investigation of the actants' performances. When approaching humans and scorpions, the methodology uses asymmetric strategies: semi-structured interviews to survey human affection and performance and surveys based on technical studies regarding information about their performance. The term human-scorpion assemblage is suggested to allude to the *Coraopolis* that emerges from the actant relationship. Notably, this work addresses methodologies not yet well disseminated in Brazilian geography but already well consolidated in English-speaking geography. More than determining how relationships occur, the methodology aims to point out possibilities for interaction between actants, revealing different responses to networked life. The relevance of this work lies in its originality in presenting an empirical attempt to highlight the association between species through more-than-representational assumptions.

Keywords: Actants; Affect; Performance; More-than-representational geography.

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que um número expressivo de animais pode prosperar em ambiente urbano, devido aos desequilíbrios na cadeia alimentar provocadas pelas ações antrópicas. Em áreas mais urbanizadas ou mesmo as áreas rurais mais antropizadas, os grandes predadores encontram dificuldade para prosperar, permitindo que outras espécies – livres de competição com tais predadores – possam proliferar. Neste contexto, a *zoopolis* (WOLCH, 1996) é um conceito que alude às espacialidades que integram as multiespécies a partir da presença e da alteração ambiental provocada pelos humanos. No coração da *zoopolis*, algumas relações estabelecidas em cadeias de relacionamento entre certas espécies podem ser potencialmente afetivas, gerando impactos profundos nos comportamentos multiespécies – que chamaremos aqui precisamente de *performances*.

Neste artigo, vamos evidenciar o afeto multiespécie envolvendo a cadeia de relacionamento que entrelaçam humanos e escorpiões. Quando nos referirmos a esta cadeia no artigo, utilizaremos a expressão *assemblage* humano-escorpiônica; o primeiro termo – *assemblage* – se apropria de um dos conceitos centrais das geografias mais-que-representacionais, cujos paradigmas embasarão a reflexão aqui posta. Sabe-se que os acidentes escorpiônicos podem ser letais, sobretudo para crianças e idosos. Na sombra

deste receio, o comportamento humano se molda e, ao mesmo tempo, a *zoopolis* cria uma condição próspera para que escorpiões se perpetuem. Certamente, a antropização do espaço urbano não inviabiliza a população de escorpiões. Com o foco na cidade de Salinas-MG, esta pesquisa utiliza métodos mais-que-humanos e mais-que-representacionais para evidenciar como as relações enoveladas entre atores em rede influenciam nos comportamentos multiespécies.

Adiantamos que, na literatura mais-que-representacional, as *assemblages* são coleções de relações envolvendo entidades heterogêneas – humanas e não-humanas (ANDERSON; MCFARLANE, 2011; MÜLLER; SCHURR, 2016) – em uma dada parcela do espaço-tempo. Dessa forma, as *assemblages* são definidas como um todo no qual as propriedades emergem por intermédio das relações entre as partes. Por exemplo, os significados e as funções dos objetos apenas são construídos quando estes estão inseridos nas redes de relações entre os atores (EDENSOR, 2005).

Propomos neste artigo uma abordagem mais-que-humana que busca descentrar o humano da análise, a partir da investigação do afeto. Como se verá nos tópicos seguintes deste artigo, a expressão mais-que-humana se associa a uma proposta mais-que-representacional de abordagem. É corriqueira a associação entre a teoria ator-rede (TAR) – seminalmente desenvolvida na sociologia – com abordagens que visam equilibrar o foco entre humanos e a dimensão mais-que-humana; diferentemente, as teorias mais-que-representacionais (TNR) – desenvolvidas no seio da geografia – congruem em muitos aspectos com a TAR. Todavia, nota-se uma tendência das TNR em desenvolverem abordagens mais-que-humanas que tendem a valorizar o afeto e *performance* humana em detrimento dos demais atores envolvidos em rede (CADMAN, 2009). Não é nosso interesse neste artigo refletir sobre as diferenças e semelhanças das duas teorias e tampouco iremos rotular nossa abordagem como vinculada à TAR ou à TNR; todavia, declaramos o nosso esforço em buscar um equilíbrio na análise do afeto multiespécie.

O esforço em descentrar o humano da análise da *assemblage* humano-escorpiônica permite-nos escapar de visões romantizadas e estereotipadas: do ponto de vista simbólico sabe-se que o antropocentrismo desnaturaliza animais domésticos e romantizam os animais ditos selvagens (WOLCH, 1996). Os pressupostos que fundamentam nosso trabalho permitem-nos afastar de qualquer tipo de associação do escorpião com qualitativos tais como “sorrateiro” ou “maldoso”. É relevante salientar que os próprios movimentos ambientalistas – carregados do viés antropocêntrico ainda que tentem se afastar deste rótulo – utilizam do romantismo da vida selvagem por intermédio

da apropriação das *flagship species* para disseminar ideologias de forma mais penetrante (LORIMER, 2007).

O artigo em questão pretende se apresentar como uma alternativa metodológica para trabalhos empíricos mais-que-humanos e mais-que-representacionais que foquem nas interações multiespécies. As assimetrias envolvendo as diferentes consciências de espécies distintas de fato se apresentam como uma armadilha discursiva (WYNNE, 2004). Afastando-nos de uma lógica positivista e nos aproximando de pressupostos fenomenológicos, buscamos confrontar linguagens assimétricas: a dos humanos, por meio de entrevistas semiestruturadas que explorem sua vivência; e a dos escorpiões, por intermédio do seu comportamento que é identificado por estudiosos e agentes/instituições de controle de risco. Dessa forma, visamos confrontar os afetos e as performances dos atores da *assemblage* humano-escorpiônica.

Os pressupostos que balizam este artigo estão associados à literatura acadêmica majoritariamente inglesa, ou pelo menos à sua influência. É importante reconhecer que tanto as geografias mais-que-representacionais quanto as geografias mais-que-humanas não estão disseminadas no seio da geografia brasileira. Esta é a razão para que os tópicos iniciais deste artigo se centrem nestas duas abordagens que possuem congruências importantes. Posteriormente vamos problematizar os conceitos de afeto e *performance* que balizam a abordagem mais-que-representacional. Finalmente, daremos vazão ao método de avaliação da *assemblage* humano-escorpiônica.

2. GEOGRAFIAS MAIS-QUE-REPRESENTACIONAIS?

Para falar de geografias mais-que-representacionais é necessário recorrer à ideia que fundamenta o estilo de abordagem: a necessidade de transcender as representações – demanda que paulatinamente cresceu na segunda metade do século XX – impactou o conjunto de disciplinas das humanidades e linguagem. Chegou na geografia mais tardiamente do que em outros campos; todavia, como se observou no campo da história, sua penetração e disseminação não se deu sem polêmica. Os movimentos da virada cultural e linguística forneceram argumentos e fortificaram a ideia de que as representações possuíam limitações que deveriam ser consideradas nas abordagens científicas.

As representações – sejam por meio de discursos ou expressões artísticas como a pintura ou a escultura – possuem uma especial tendência em ser romantizadas (ALLEN, 1992). De fato, a capacidade de despertar emoções está diretamente associada ao

reconhecimento da comunicação daquele que a expressa. Como composição de cenas, ou relato de eventos, as representações pictóricas são *flashes* temporais que, muitas vezes, pouco dizem sobre o desdobramento dos acontecimentos. O discurso oral e o texto também possuem limitações parecidas, ainda que possuam maior elasticidade: enquanto as imagens oferecem seus elementos em conjunto, os textos – *au contrarie* – oferecem a cadência na assimilação da mensagem, por meio da leitura de linha por linha. É importante destacar as limitações das ilustrações e fotografias tanto quanto à cobertura espacial – incluindo neste ponto uma discussão sobre a intencionalidade de ângulos (SILVA, 2023) – quanto à acuidade na representação (REES, 1973).

É de ressaltar que as representações fazem parte do nosso ato comunicativo. Há de se considerar que até mesmo o discurso é uma representação. É curioso pensar que Nigel Thrift tenha falado sobre teorias não-representacionais (TNR), porque este estilo de pensamento não é erguido a partir da negação das representações. Poucos anos após o desenvolvimento de Thrift, o autor Hayden Lorimer (2005) sugeriu o termo “mais-que-representacional” justamente por considerar que a representação faz parte do bombardeio afetivo que nos atinge cotidianamente. Transcender as representações significa ir além delas e não negar sua validade, existência e influência sobre os processos que marcam a vida cotidiana. Assim, as representações não são somente distorções da realidade intangível, mas componentes concretos da constituição do mundo (MATLESS, 1992).

Assim, nota-se que a expressão mais-que-representacional – desde a problematização de Lorimer (2005) – ganhou vulto e tem ganhado mais espaço nos trabalhos acadêmicos. O uso do termo “geografias mais-que-representacionais” é justo com o próprio arcabouço teórico que hospeda: o fato da expressão ser colocada no plural já indica múltiplas abordagens e possibilidades metodológicas. Falar em transcendência representacional a partir de um rótulo que rigidamente engessasse abordagens parece, de fato, um ato paradoxal.

De um modo geral, no que se baseiam as abordagens mais-que-representacionais que se desenvolveram no campo da geografia? Parte-se do pressuposto de que a dimensão social não pode ser presumida (COWAN; MORGAN; MCDERMONT, 2009) e que os seres humanos estão envolvidos em redes complexas que os aninham com animais, plantas, objetos e forças elementais. O aninhamento destes atores em rede é a força motriz do afeto que estimula as *performances*, fazendo com que as descrições rígidas e que ousam prevalecer desconsiderando dinamismos espaciais e temporais é indevida. Por esta razão os pressupostos teóricos transcendem a representação. As

relações em rede e a sua tradução são descritas a partir da observação cotidiana, fazendo com que Thrift chamasse as TNR de geografia do que acontece (THRIFT, 2008). É fundamental considerar que o arranjo das relações em redes – chamadas de redes heterogêneas por abrigar humanos, animais, plantas, objetos e forças elementais (MURDOCH, 1997) – seja considerado espacial e historicamente localizado. A efemeridade é condição do arranjo das redes e não um fato excepcional.

3. GEOGRAFIAS MAIS-QUE-HUMANAS

As geografias mais-que-humanas é uma “expressão guarda-chuva” que aborda temáticas associadas às interações entre os mundos animal, vegetal e elemental. Quando se usa a expressão “mais-que-humanas”, já se parte do pressuposto de que a abordagem é relacional e mais-que-representacional. Alternativamente, recortes tais como geografias animais, vegetais ou elementais tradicionalmente ofereciam percursos que incluíam abordagens que separavam humanos dos demais elementos que os cercam (INGOLD, 1983) fazendo com que a ideia de natureza fosse restrita a um inventário de potencialidades que estariam a serviço da humanidade (PHILLIPS; ATCHISON, 2018). As novas abordagens que ocorrem no seio das geografias mais-que-representacionais têm como potencial servir como uma ferramenta útil no interior do pensamento da justiça ambiental, sendo capazes de elucidar os relacionamentos afetivos e emaranhados entre humanos e não-humanos (ISAACS, 2020). Especificamente no campo da geografia, Massey (1999) salienta que o debate mais-que-humano contempla a superação da autoridade discursiva da geografia física frente à geografia humana.

Essencialmente, a abordagem mais-que-humana é interdisciplinar. Existem desenvolvimentos sociológicos, antropológicos e filosóficos relevantes no interior da área, ainda que se saiba que a antropologia e a sociologia possuam fortes tradições ligadas ao paradigma antropocêntrico (COLTRO, 2013). Como dissemos, as pesquisas no seio da geografia animal ou vegetal possuíam acentuado caráter de inventário; em meados do século passado, era comum ver abordagens que transitavam pela geografia animal e que focavam nos modos em que o ser humano programava a distribuição dos animais de criação (BENNETT JR., 1960). Não se pensava, naquele tempo, em um afeto dialético multiespécies que descentrava o ser humano; é um contexto em que as nomenclaturas alternativas de zoogeografia ou geografia cultural animal eram comuns (EMEL; WIBERT; WOLCH, 2002; FORSYTH, 2013).

Nos anos 1970 a geografia animal tradicional – que possuía características de inventário – praticamente desapareceu. Após um hiato de quase 20 anos, ressurgiu nos anos 1990 em um cenário acadêmico no qual os efeitos da virada cultural e linguística já estavam bastante consolidados. Isso significa dizer que – de forma abundante – as epistemologias dos anos 1990 rompiam com as tradições que aprisionavam o conceito de cultura em um arcabouço rígido (FORSYTH, 2013).

Pari Passu às mudanças epistemológicas – e com igual importância para a compreensão das formatações atuais das geografias mais-que-humanas – apresenta-se a ascensão de valores ambientais. Trabalhos de teor apocalíptico como a tese de Gaia de James Lovelock (2006; 2010) foram combinados com a grande repercussão de abordagens em maior escala geográfica, como o de Mike Davis (2001) sobre o quadro ambiental da Califórnia. De certo, a crise hídrica e suas motivações na política (VILLIERS, 2002) além das repercussões dramáticas das mudanças ambientais para o âmbito das relações internacionais (HOMER-DIXON, 1991; 1994; GIDDENS, 2010) consolidaram a visão de que a consideração das relações entre humanos e não-humanos são necessárias para a compreensão dos fenômenos espaciais (TSING, 2021). É interessante pensar que as posturas ambientais críticas coincidem no tempo com as mudanças paradigmáticas lançadas pela ascensão pós-estruturalista manifesta na virada cultural (e todas suas repercussões). As grandes conferências internacionais que sistematicamente foram agendadas a partir da formatação do clube de Roma (1968) são respostas e ao mesmo tempo alimentaram a militância ambiental, que paulatinamente tornou-se mais ruidosa, ainda que, numa avaliação crítica, possamos dizer que em várias áreas de questionamento da condução da conservação ambiental estejamos aquém das expectativas dos ambientalistas. Vemos, recentemente, o surgimento de uma série de neologismos que possuem função crítica quanto ao estado das relações multiespécies: em um exemplo, os termos Antropoceno e Plantationceno – comuns nos trabalhos mais-que-humanos – implicitamente destacam o fato de que uma única espécie se tornou capaz de se constituir como uma força de mudança global (LORIMER, 2012).

Partindo do pressuposto de que todas as criaturas – sejam humanas ou não-humanas – são passageiros no mesmo mundo em que todos vivem, é de se supor que tais criaturas criem condições para a existência mútua (INGOLD, 2005). *Ipsa facto*, a história humana não se dissociaria da história dos não-humanos. Assim, os efeitos da globalização e de outros fenômenos que se manifestam espacialmente e ao longo do tempo precisam ser compreendidos no âmbito sistêmico multiespécie (LORIMER, 2010).

Não existem diversos tipos de história: as longevas tartarugas, as formigas de existência breve e árvores centenárias vivem a mesma história, composta pela interação de diversos agentes humanos e não-humanos em suas relações mútuas. É importante destacar que existe a consideração acerca da participação de geografias elementais (GIBBS, 2009; HAYWARD, 2012; KRAUSE; STRANG, 2016; RUESTO *et al.*, 2021; ZARA, 2021) no contexto não-humano.

De forma inevitável, a biogeografia está em sintonia com as circunstâncias e ansiedades do mundo de hoje, guiada por um sentimento generalizado acerca da existência de uma extensa e irreversível socialização do mundo biofísico (SPENCER; WHATMORE, 2001). Este pensamento da vazão a trabalhos como Imperialismo Ecológico – livro de Alfred W. Crosby (2011 [1986]) – que defende a tese de que a empreitada colonial somente adquiriu seu padrão de sucesso devido às associações bem sucedidas entre as novas terras e as multiespécies. Destaca-se também Ujvari (2012) que faz um apanhado histórico acerca das relações entre homens e patógenos e Tsing (2021) que destaca a disseminação intercontinental do *Aedes aegyptii* por meio das viagens transatlânticas dos chamados navios negreiros.

Patchett (2008) também explorou um elemento ligado ao processo de colonização, mas diretamente associado às formas simbólicas: a taxidermia de animais endêmicos de áreas coloniais britânicas. A exposição de cabeças de animais em quadros de parede era uma prática comum no espaço-tempo vitoriano-edwardiano. Os animais sacrificados são apresentados como troféus de caça, de modo a anunciar a expertise do seu portador e expressar relações de poder. Chiapetti (2014), por sua vez, analisou o aprofundamento da crise cacaueteira na Bahia meridional a partir do alastramento do fungo *Moniliophthora perniciosa* (vassoura-de-bruxa), enquanto que Lorimer (2010) analisou em um artigo as relações afetivas envolvendo o adensamento populacional humano no Sri Lanka e seus efeitos para a população de elefantes.

Muitos destes trabalhos ajudam a construir uma visão de que sem os animais e as plantas, o ser humano não teria prosperado enquanto espécie (WOLCH, 2007). A humanidade é o que é devido ao entrelace profundo da dimensão multiespécie. Concomitantemente ao aninhamento relacional das espécies, há de se considerar as relações com a dimensão elemental: em um exemplo, os incêndios que ocorrem periodicamente na Austrália possuem interpretações diferentes. Existem aqueles que acreditam que o fogo é natural e portador de uma essência benigna, justamente por ser capaz de transformar a Austrália naquilo que paisagisticamente ela é hoje (HOWITT,

2014). O risco deste discurso é o de nublar as necessidades de espécies sensíveis ao fogo, naturalizando todos os incêndios e negligenciando uma infinidade de fatores que os tornam longe de serem ocorrências naturais e benignas (RICKARDS, 2016).

Neste artigo, os relacionamentos envolvendo humanos e escorpiões serão investigados na espacialidade do município de Salinas-MG, que possui um histórico expressivo de acidentes escorpiônicos. Para dar vazão à tradução destas redes multiespécies que chamamos de *assemblage* humano-escorpiônica, serão utilizados os conceitos de afeto e *performance*, fundamentais para a compreensão dos entrelaces das espécies a partir de lentes mais-que-representacionais. Esta é a razão para que, antes de apresentar as relações em rede que são alvo de nossa abordagem, problematizaremos aqui os dois conceitos.

4. AFETO E PERFORMANCE

O afeto é um conceito central na abordagem mais-que-representacional e, curiosamente, apesar da sua importância como um articulador deste campo de pensamento, o seu significado é elusivo (SHOUSE, 2005; PILE, 2010; ANDERSON, 2017) já que o conceito é dotado de expressiva elasticidade semântica e é observado o seu uso indiscriminado em diferentes contextos acadêmicos e no cotidiano (LORIMER, 2007). Assim como ocorre com outros termos como emoções ou sentimentos, não há uma definição simples desta palavra. Em uma compreensão comum, o afeto é entendido como força intrínseca à nossa experiência cotidiana e que se manifesta indiretamente em nossa *performance*, que é a nossa ação movida pela substância afetiva. Afeto e *performance* são conceitos que precisam ser vistos em conexão, pois, “as dinâmicas afetivas são vistas como dispositivos para que o corpo possa performar certas ações, incluindo o discurso” (HUTTA, 2015, p.296).

Corpos são afetados e ao mesmo tempo afetam outros corpos. Por esta razão, nas abordagens mais-que-representacionais, não é rara a importância dada aos corpos, pois estes são os veículos do afeto e dos seus subprodutos – paixões, emoções, intensidades e sentimentos (THRIFT, 2008) – expressos nas práticas corporificadas (MACPHERSON, 2010). O corpo é – por excelência – o lugar da experiência e da expressão emocional (DAVIDSON; MILLIGAN, 2004). É plausível afirmar que o afeto não é simplesmente pessoal ou interpessoal: talvez uma palavra que seja melhor empregada é a transpessoalidade, à medida que o afeto se desenha no relacionamento de muitos corpos. É importante ressaltar – mediante as considerações aqui postas – que o afeto não

é estático, pois acompanha o movimento dos corpos e modifica suas características, incluindo a intensidade, ao sabor das distâncias e dos contextos espaciais.

No momento em que performamos, passamos também a compor o afeto de outros corpos. Por isso, afeto-em-rede ou afeto-cujo-junção-mente-matéria são expressões pleonásticas. É importante destacar dois pontos que possuem interação: o primeiro deles é que dois corpos podem reagir de forma muito distinta a uma carga afetiva similar; o segundo é que o afeto sequer pode ser lido como um fenômeno de curta duração, temporalmente e espacialmente localizado. Faz parte do nosso caldeirão afetivo a diacronia das experiências distintas que nos concedem graus variados de responsividade mediante os fatos que vivenciamos.

O afeto é uma condição permanente da experiência e não pode ser analisado isoladamente. Todavia, sabe-se que, mesmo por meio de formas não muito bem delimitadas, o afeto pode ser manipulado (BARNETT, 2008). É claro que ações políticas podem mobilizar um grande número de pessoas a performar, ainda que não sejam exibidas respostas idênticas entre os indivíduos. Nigel Thrift (2004) argumentou que descobrir meios de praticar o afeto é também a descoberta de um novo meio de manipulação por parte dos poderosos. Se partirmos do pressuposto que o poder é a capacidade de produzir ação em outrem, as práticas políticas são indissociáveis do afeto que permeia nosso cotidiano. O termo “arquitetos afetivos” se refere à manipulação do afeto e à capacidade de influir na *performance* (PYKETT, 2018).

É geralmente compreendido que o afeto possui dupla localização: a primeira se dá no campo relacional em-entre [*in-between*] corpos; a segunda é no nível subconsciente (BARNETT, 2008). É importante considerar o entrelace dessas duas localizações do afeto. A localização subconsciente do afeto é a principal razão para que um número significativo de autores interessados com a temática esteja enveredando por tópicos vistos anteriormente como exclusivamente pertencentes ao campo da psicologia. Além da localização parcial no subconsciente, o afeto é um conceito ligado aos instintos, impulsos e emoções. Esta é a razão do afeto possuir um viés psicanalítico (THIEN, 2005; PILE, 2010). Vê-se, mesmo em trabalhos desenvolvidos por geógrafos, o emprego de biosensores (OSBORNE; JONES, 2017; PAIVA *et.al*, 2023) como uma tentativa de qualificar/quantificar a interpretação do afeto.

Parece muito claro que a teorização sobre o afeto sinaliza uma série de desafios às tradições da teoria social (DAVIES; DWYER, 2007). Além desta mistura problemática entre a consciência e a subconsciência, há um desafio em considerar as dimensões do

afeto que são relacionais e biológicas. Quando falamos da dimensão relacional, estamos nos referindo às relações entre humanos e não-humanos que produzem o afeto. Já a dimensão biológica se refere às formas distintas de processamento das relações e que são imbricadas com questões biológicas particulares, como, por exemplo, o controle da ansiedade. No bojo biológico, podemos inserir a questão dos instintos – que podem participar mais das induções da *performance* do que a razão – e da vulnerabilidade do corpo: fadiga, exaustão extrema, dor, exposição ao frio ou calor intensos podem se tornar muito dominantes como variáveis de interpretação performática (THRIFT, 2009). Destacamos que é difícil propor uma linha divisória entre a participação relacional e a biológica como indutoras da *performance*; na verdade, tudo aponta para que talvez não seja adequado processá-las de maneira dicotômica, mas numa dialética que as torna indissociáveis e retroalimentadas.

A chave de inspiração metodológica das geografias mais-que-representacionais é a crença de que a tangibilidade do mundo se dá nas práticas cotidianas. É importante dizer que isso não significa ignorar as abstrações, dentre as quais as crenças ideológicas e a formação de valores; mas significa pontuar que a vida cotidiana é eficaz para apontar as relações entrelaçadas entre mente e matéria. É o cotidiano que se mostra capaz de evidenciar a vida relacional; e é no seio dos métodos de pesquisa que buscam compreender o cotidiano que os entrelaces entre o afeto e a prática seriam elucidados. Assim, a busca obsessiva pelas práticas cotidianas está diretamente ligada ao rompimento com as tradicionais formas de lidar com as representações (SILVA, 2023).

Com a aplicação de entrevistas semiestruturadas a partir de atores que vivem em diferentes bairros de Salinas-MG, tentaremos compreender como se engendram as relações de afeto e *performance* dos entrevistados. Não há uma busca em formalizar padrões de comportamento ou fatos sociais detalhados que sejam representativos a todos os moradores da cidade¹: a própria amostra, limitada como ocorre em muitos trabalhos deste tipo², visa tão somente apontar possibilidades, que em meio às suas divergências apontarão o caráter excepcional do ciclo afetivo-performático.

É importante deixar as pessoas falarem sobre as suas práticas, ainda que isto não seja uma tarefa fácil. Por isso mesmo, o cuidado do investigador com a interação frente ao entrevistado deve ser extremo: é necessário que sejam criadas condições confortáveis para que a entrevista revele o cotidiano; se o que era esperado pelo entrevistado não for

¹ Esta busca por formalizar padrões seria paradoxal aos pressupostos mais-que-representacionais e contrário à essência de uma pesquisa de viés fenomenológico.

² Ver exemplos de amostras numericamente limitadas em Hitchings (2003) e Anderson (2005).

ressaltado, talvez seja porque não ocupa uma posição de relevância tal como a expectativa previa (HITCHINGS, 2012).

Como dito na introdução, há uma dificuldade em pensar o afeto multiespécie devido às assimetrias na responsividade dos atores em rede: escorpiões evidenciam o afeto que sofrem por meio de mecanismos mais indiretos, como estudos sobre o seu comportamento e a prosperidade de sua população. Confrontar o afeto multiespécie é o desafio aqui posto e que será desenvolvido a seguir.

5. HUMANOS NA ASSEMBLAGE HUMANO-ESCORPIÔNICA

Realizaremos a intermediação do discurso de cinco entrevistados residentes no município de Salinas-MG. Conforme apresenta a Figura 1, estes residentes moram em posições distintas da área retratada, majoritariamente urbana. Seu local exato de residência deliberadamente não é preciso, fato que reflete nossa intenção em proteger a associação entre dados de pesquisa e residência.

F.S.B é um homem de 40 anos e morador do bairro Raquel em Salinas. Natural da cidade, é casado e pai de dois meninos que possuem 5 e 8 anos. O entrevistado instrui os seus filhos quanto a possibilidade de encontrar escorpiões e combina procedimentos, como o de chamar um adulto assim que avistar o aracnídeo. Já viu escorpião em sua residência e naturalizou hábitos como o de sempre conferir atrás das portas e móveis para ver se encontra algum escorpião. Sua esposa já foi picada por um destes animais, o que a levou ao hospital por desconforto. Faz parte da rotina de F.S.B sacudir toalhas e camisas antes do uso. Têm um quintal em sua casa e cria diversas aves: galinha, galinha d'angola e peru. F.S.B acredita que a criação destes animais atenua a chance de ter acidente escorpiônico.

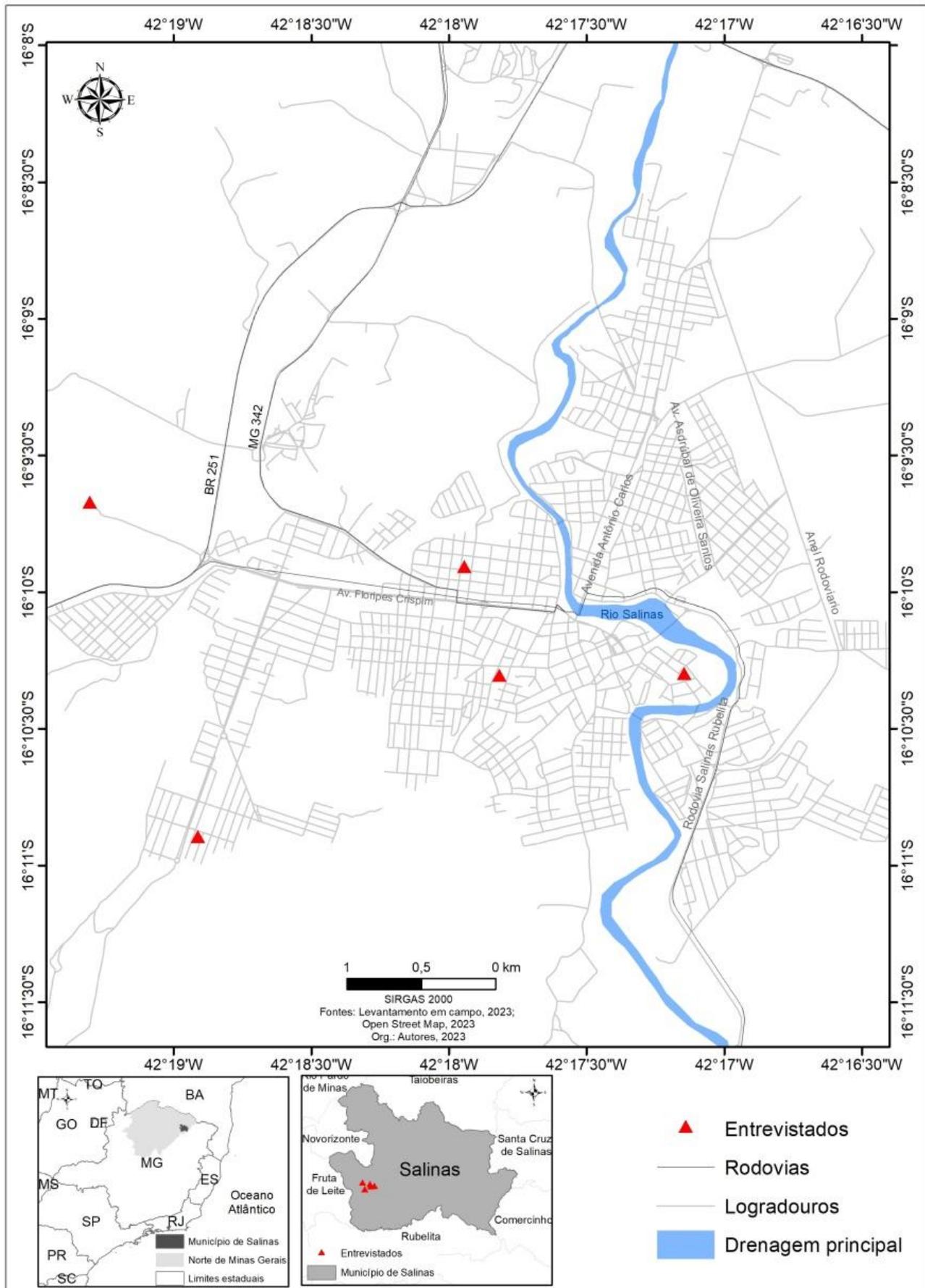


Figura 1 – Local de residência dos entrevistados
Fonte: autores

A.C.N é um homem de 38 anos e mora no bairro Belvedere há 3 anos, que é uma área de expansão urbana da cidade de Salinas. É casado e possui um filho de 11 anos. Associa o isolamento de sua moradia – inserida em meio a loteamentos não ocupados por residências – como uma das explicações para o aparecimento frequente dos escorpiões. Tem o hábito de coletar os corpos dos animais que aparecem em sua casa após matá-los, colocando-os em um pote de vidro, como consta na Figura 2.



Figura 2 - Coleção escorpiônica de A.C.N

Fonte: Foto dos autores

A.C.N revelou durante a entrevista que já naturalizou diversas práticas como sacudir roupas, toalhas, lençóis antes do uso, assim como conferir o interior dos calçados antes de coloca-los nos pés. Não cria animais. Uma de suas tentativas de mitigar o problema é fazer a limpeza de dois metros das áreas adjacentes ao lote (como se vê na Figura 3), deixando sempre com a cobertura vegetal rasteira, na crença de que esse procedimento pode diminuir a entrada de animais na área de sua residência.

C.M.M é uma mulher solteira de 22 anos que mora junto dos pais em uma casa do centro de Salinas-MG. É natural da cidade e acredita que os escorpiões não afetam o seu cotidiano, pelo menos diretamente. Nunca foi picada por escorpião. Reconhece que sua falta de preocupação se deve ao fato de que percebe o seu pai desempenhando um papel de garantidor da segurança: é ele quem se preocupa com a colocação periódica de produtos químicos nos ralos da casa e fala esporadicamente sobre a necessidade de conferir os calçados antes de usá-los. Ao criar galinhas, o pai também possui a crença de

que estes animais desempenham um eficaz controle do aracnídeo, por ser um eficaz predador. C.M.M alega que se torna mais afetada pelos escorpiões quando vai para a zona rural em um final de semana. É interessante pensar que as relações entre humanos também podem apresentar respostas sociais no afeto interespecie: C.M.M atribuiu a responsabilidade de preocupação acerca do aparecimento de escorpiões ao seu pai, fato que a torna cotidianamente mais relaxada frente ao risco.

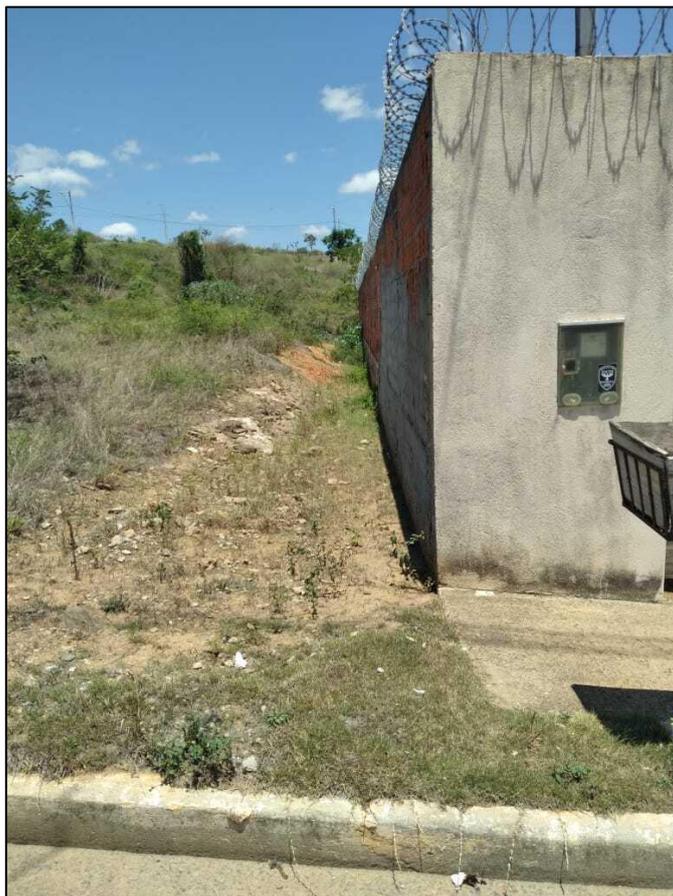


Figura 3 - Adjacência do lote de A.C.N.

Fonte: Foto dos autores

L.S.R é uma mulher de 31 anos que se mudou recentemente de moradia. Habitava o bairro São Geraldo e sua mudança se deu, em grande parte, ao aparecimento sistemático de escorpiões em sua moradia. É natural da Bahia e mora em Salinas-MG desde 2016. Passou por um período de gravidez sem muita preocupação com os escorpiões até que os animais começaram a aparecer em sua residência no período após o nascimento do seu filho. Junto de seu marido, tentou a manipulação de produtos químicos nos ralos da casa – a soda cáustica – sem ter sucesso na redução da ocorrência do animal. Nutre, em conjunto com seu marido, a crença de que a dedetização não é eficaz contra escorpiões. Ficou bastante afetada pelo fato de ter um recém-nascido em casa, o que a motivou

mudar. Relata que, no desmonte dos armários para a mudança, encontraram um filhote de escorpião debaixo do armário do quarto do seu filho. Ressaltou a percepção que é largamente difundida, que as picadas escorpiônicas podem causar mais complicações nas crianças e adultos. Mudou-se de uma casa para um apartamento, a partir da crença de que apartamentos possuem menor chance de aparecimento de escorpiões.

P.R.S é uma mulher de 25 anos que vive na zona rural, bem próximo à área urbana. Natural de Salinas-MG, a entrevistada é solteira e mora com o pai e a mãe. Na sua residência, todos já foram picados por escorpião, sem maiores complicações. Todos os móveis de sua casa são um pouco afastados das paredes, na crença de que este procedimento pode atenuar o risco de acidentes escorpiônicos. Sacode toalhas e confere sapatos antes de usá-los. Apesar de criar galinhas, não nutre a crença de que elas podem limitar o aparecimento de escorpiões. Na sua família há a ideia bem difundida de que as lagartixas podem preda escorpiões; dessa forma, o aparecimento de lagartixas é celebrado. Todos os procedimentos de P.R.S são bastante naturalizados em seu cotidiano, de tal forma que, durante a entrevista, teve alguma dificuldade de associá-los a uma prática de controle escorpiônico.

Para além das entrevistas, é relevante apontar que a internet também facilita a disseminação do afeto, sendo, *per si*, um actante intangível da *assemblage* humano-escorpiônica. No domínio da prefeitura de Salinas-MG na internet, os escorpiões são referidos como “vetores nocivos da saúde”. Notícias sobre lamentáveis acidentes fatais circulam nas redes e ajudam a consolidar a *assemblage*. Nos supermercados, a soda cáustica, produto que possui uso variado, acaba estampando por meio de uma marca dominante nas prateleiras o desenho de um escorpião. A estratégia de marketing aproveita-se do afeto da *assemblage* humano-escorpiônica para potencializar as vendas e se apresentar como um produto eficaz no controle da população de escorpiões, como se vê na Figura 4. Assim, destaca-se que a *assemblage* humano-escorpiônica é, na verdade, não somente exclusiva de duas espécies: existem outros partícipes mais-que-humanos que interagem em meio às relações afetivas que se desenvolvem na rede.



Figura 4 – “Soda cáustica escorpiônica”

Fonte: Foto dos autores

6. ESCORPIÕES NA ASSEMBLAGE HUMANO-ESCORPIÔNICA

No âmbito dos escorpiões, a tradução (NOBRE; PEDRO, 2010) das *assemblages* foca em sua *performance*, por meio do acesso aos estudos comportamentais dos animais em questão. Há uma necessidade de buscar trabalhos acadêmicos que possuem maior chance de evitar os mitos que são construídos acerca da *performance* escorpiônica e que acompanham as pessoas ao longo de gerações. A espécie predominante em Salinas-MG é o *Tityus serrulatus*, popularmente conhecido como escorpião-amarelo. Do ponto de vista climático, o clima tropical típico favorece a prosperidade da espécie. Sabe-se também que a expansão das cidades e o trânsito de pessoas entre as áreas rurais e urbanas favorecem a consolidação destes animais na urbe (CORRÊA, 2022). O deslocamento de materiais e objetos favorecem o transporte do escorpião para as cidades (SILVA *et al.*, 2023).

Uma vez instalados no meio urbano, os escorpiões encontram um ambiente marcado por uma profunda alteração da cadeia alimentar na qual participa em espaços menos antropizados. É plausível afirmar que a *performance* escorpiônica nas cidades seja responsiva às alterações da cadeia alimentar. Para além disso, o avanço das interferências antrópicas altera os ecossistemas aos quais os escorpiões estão inseridos, afetando seus abrigos e forçando-os a migrar para espaços de convívio humano, como

residências, terrenos baldios, construções, *inter alia*, contribuindo potencialmente para o aumento de acidentes (SILVA *et al.*, 2023).

Estudos sobre a ocorrência de picadas de escorpiões em humanos têm demonstrado uma relação entre o desenvolvimento socioeconômico e o arranjo espacial dos materiais. Obras incompletas, lotes abandonados e materiais despejados no ambiente público sem o recolhimento do mesmo parecem serem alvos da predileção dos animais em questão. Esta predileção se deve aos hábitos dos escorpiões, que durante o dia se escondem sob pedras, troncos podres, se enterram na areia e vivem proximamente às construções humanas, sob as linhas férreas, lajes de túmulos e nas várzeas dos córregos nas quais o lixo doméstico e o entulho propiciam alimento farto e abrigo (AMARAL, 2021). Sabe-se que o lixo atrai baratas que servem de alimentação para os escorpiões.

É comum o fato dos escorpiões se infiltrarem nas redes de esgoto e em outras tubulações, que se tornam abrigos. Macacos, quatis, diversas aves, anfíbios anuros e lagartos são seus principais predadores naturais (BRAZIL; PORTO, 2010). Existe um mito de que as galinhas são eficientes para controlar a presença de escorpiões em zonas rurais e urbanas. É verdade que essas aves predam escorpiões, mas essa prática é ineficiente: as galinhas têm o hábito diurno e os escorpiões têm hábitos noturnos. Por isso, os animais não se encontram e as aves não podem fazer esse controle de maneira eficaz. Como efeito colateral da disseminação de galinhas em áreas urbanas é que o acúmulo de fezes dessa ave favorece a proliferação de flebotomíneos, que transmitem a leishmaniose (SÃO PAULO, 2023). Já os anuros, apresentam-se eficientes como predadores, ainda que não sejam animais domesticados (JARED *et al.*, 2020).

A espécie *Tityus serrulatus* reproduz-se por partogênese. Assim, só existem fêmeas e todo indivíduo adulto pode parir sem a necessidade de acasalamento. Este fenômeno facilita a dispersão da espécie. Desse modo, o transporte não deliberado dos escorpiões em caixas, veículos e quaisquer recipientes podem favorecer o crescimento da população em outros ambientes, evidenciando a interação de performances humanas e escorpiônicas. É de se destacar que, como um exímio competidor natural, o escorpião-amarelo pode, quando inserido em um dado ambiente, levar ao desaparecimento de outras espécies de escorpião (BRASIL, 2009).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por intermédio dos métodos mais-que-humanos e mais-que-representacionais, apresentamos as relações enoveladas entre actantes da *assemblage* humano-escorpiônica. Por meio deste estudo, buscamos evidenciar como essas redes acabam envolvendo outros actantes além de humanos e escorpiões, como animais que participam de cadeias alimentares e objetos como a soda cáustica e móveis que acabam interagindo e estimulando alterações nas *performances*. Coletamos nas entrevistas posturas bastante distintas das pessoas inseridas em rede, o que ajuda a mostrar que estímulos coletivos provocam respostas bastante diferentes nos indivíduos. Ainda assim, a investigação afetivo-performática se apresenta como um meio interessante para a tradução das redes heterogêneas.

Destacamos também que há dificuldade de se apresentar uma metodologia que consiga estabelecer um levantamento do afeto e *performance* mais-que-humano. Ousamos aqui abordar de forma assimétrica os actantes envolvidos em rede, utilizando entrevistas semiestruturadas aplicadas aos humanos (e assim revelando o afeto e a *performance*) e bibliografia especializada quanto ao comportamento escorpiônico (*performance*). Acreditamos que este é um meio de propormos na rede heterogênea que estudamos a geografia do que acontece (THRIFT, 2008). Ficou evidenciado no trabalho que, para além das associações entre actantes, se faz importante pensar em durações dos processos: viver desde a infância em uma área de grande incidência escorpiônica tende a ser uma variável afetiva relevante.

Estamos de acordo com Vannini (2015), para quem as ideias mais-que-representacionais podem às vezes ser “irritantes”: não são suficientemente diversas em termos de gênero e outras classes; não estão suficientemente preocupadas com questões ligadas ao poder, a injustiça e a política; carregam uma erudição que possui a complexidade amplificada pela heterogeneidade de suas expressões, que encontram apoio em campos epistêmicos muito variados. Em comum, encontra-se nos trabalhos mais-que-representacionais como este, tentativas de romper com o pragmatismo positivista e a dominância dos conceitos ontológicos. De fato, as tentativas mais-que-representacionais nascem de uma vontade desordenada de experimentar, falhar e aperfeiçoar. Assim como Vannini (2015), exortamos os leitores e escritores interessados em transcender os limites do representacionalismo a quebrar regras, pensar, sentir e escrever de forma diferente do cânone tradicional da ciência geográfica. Respeitar a

heterogeneidade epistêmica parece inevitável, assim como nunca ter medo de ser um pouco irritante.

REFERÊNCIAS

ALLEN, J. L. Horizons of the sublime: The Invention of the romantic West. **Journal of Historical Geography**, v. 18, n. 1, p. 27-40, 1992.

AMARAL, E. G. Meio ambiente e a relação da saúde ambiental com o crescimento de acidentes com escorpiões na cidade de Uberlândia-MG. **Revista de comunicação científica**, v. 1, n. 9, p. 150-161, 2021.

ANDERSON, B.; MCFARLANE, C. Assemblage and Geography. **Area**, v. 43, n. 2, p. 124-127, 2011.

ANDERSON, B. et al. On assemblages and geography. **Dialogues in Human Geography**, v. 2, n. 2, p. 171-189, 2012.

BARNETT, C. Political affects in public space: normative blind-spots in non-representational ontologies. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 33, n. 2, p. 186-200, 2008.

BENNETT JR., C. F. Cultural Animal Geography: An Inviting Field of Research. **The Professional Geographer**, v. 12, n. 5, p. 12-14, 1960.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de vigilância de Saúde, departamento de vigilância epidemiológica. **Manual de controle de escorpiões**, Brasília. 2009.

BRAZIL, T. K.; PORTO, T. J. **Os escorpiões**. Salvador: EDUFBA, 2010.

CADMAN, L. Nonrepresentational Theory/Nonrepresentational Geographies. In: KITCHEN, R.; THRIFT, N. (Eds.). **International Encyclopedia of Human Geography**. Oxford: Elsevier, 2009, p. 456-463.

CHIAPETTI, J. A crise da atividade cacauzeira no contexto do reordenamento da economia mundial. **Agrotrópica**, v. 26, n. 3, p. 157-166, 2014.

COLTRO, F. L. Z. Uma reflexão sobre a relação humano-animal na sociedade contemporânea e a ligação com a geografia. **Terra Plural**, v. 7, n. 2, p. 207-222, 2013.

CORREIA, Y. G. **Seres humanos, animais venenosos peçonhentos e ambiente: interação na perspectiva da ecologia integral**. 2022. 143 f. Tese (Doutorado em Ciências Ambientais) - Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2022.

COWAN, D.; MORGAN, K.; MCDERMONT, M. Nominations: An Actor-Network Approach. **Housing Studies**, v. 24, n. 3, p. 281-300, 2009.

CROSBY, A. W. **Imperialismo Ecológico: a expansão biológica da Europa 900-1900**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 376p.

DAVIDSON, J.; MILLIGAN, C. Embodying Emotion Sensing Space: introducing emotional geographies. **Social & Cultural Geography**, v. 5, n. 4, p. 523-532, 2004.

DAVIS, M. **Ecologia do Medo**. Rio de Janeiro: Record, 2001. 472p.

EMEL, J.; WIBERT, C.; WOLCH, J. Animal Geographies. **Society & Animals**, v. 10, n. 4, p.1-6, 2002.

EDENSOR, T. Waste matter – the debris of industrial ruins and the disordering of the material world. **Journal of Material Culture**, v. 10, n. 3, p. 311-332, 2005.

FORSYTH, I. The More-Than-Human Geographies of Field Sciences. **Geography Compass**, v. 7/8, p. 527-539, 2013.

GIBBS, L. M. Water Places: Cultural, Social and the More-Than-Human Geographies of Nature. **Scottish Geographical Journal**, v. 125, n. 3-4, p. 361-369, 2009.

GIDDENS, A. **A política da mudança climática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 316p.

HAYWARD, P. Aquapelagos and Aquapelagic Assemblages. **Shima**, v. 6, n.1, p. 1-11, 2012.

HITCHINGS, R. People can talk about their practices. **Area**, v. 44, n. 1, p. 61-67, 2012.

HOMER-DIXON, T. F. On the threshold: environmental changes as cause of acute conflict. **International security**, v. 16, n. 2, 1991.

HOMER-DIXON, T. F. Environmental scarcities and violent conflict: Evidence from cases. **International security**, v. 19, n. 1, p. 5-40, 1994.

HOWITT, R. Coexisting with fire? A Commentary on the scale Politics of Adaptation. **Geographical Research**, v. 52, n. 1, p. 61-64, 2014.

HUTTA, J. S. The affective life of semiotics. **Geographica Helvetica**, v. 70, n. 4, p. 295-309, 2015.

INGOLD, T. The architect and the bee: Reflections on the work of animals and men. **Man**, v. 18, n. 1, p. 1-20, 1983.

INGOLD, T. Epilogue: towards a politics of dwelling. **Conservation & Society**, v. 3, n. 2, p. 501-508, 2005.

ISAACS, J. R. More-than-human geographies. In: RICHARDSON, D. et.al. **The International Encyclopedia of Geography**. John Wiley & Sons, 2020.

JARED, C. *et al.* Toads prey upon scorpions and are resistant to their venom: A biological and ecological approach to scorpionism. **Toxicon**, v. 178, p. 4-7, 2020.

KRAUSE, F.; STRANG, V. Thinking Relationships Through Water. **Society & Natural Resources**, v.29, n.6, p.633-638, 2016.

LORIMER, H. Cultural geography: the busyness of being “more-than-representational”. **Progress in Human Geography**, v. 29, n. 1, p. 83-94, 2005.

LORIMER, J. Non-human charisma. **Environmental and Planning D: Society and Space**, v. 25, n. 5, p. 911-932, 2007.

LORIMER, J. Elephants as companion species: the lively biogeographies of Asian elephant conservation in Sri Lanka. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 35, n. 4, p. 491-506, 2010.

LORIMER, J. Multinatural geographies for the Anthropocene. **Progress in Human Geography**, v. 36, n. 5, p. 593-612, 2012.

LOVELOCK, J. **A Vingança de Gaia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006. 264p.

LOVELOCK, J. **Gaia: Alerta Final**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010. 264p.

MACPHERSON, H. Non-Representational Approaches to Body-Landscape Relations. **Geography Compass**, v. 4, n. 1, p. 1-13, 2010.

MATLESS, D. An occasion for geography: landscape, representation, and Foucault’s corpus. **Environmental and Planning D: Society and Space**, v. 10, n. 1, p. 41-56, 1992.

MASSEY, D. Space-time, “science” and the relationship between physical geography and human geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, n. 24, p. 261-276, 1999.

MÜLLER, M.; SCHURR, C. Assemblage thinking and actor-network theory: conjunctions, disjunctions, cross-fertilisations. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 41, n. 3, p. 217-229, 2016.

MURDOCH, J. Towards a geography of heterogeneous associations. **Progress in Human Geography**, v. 21, n. 3, p. 321-337, 1997.

NOBRE, J. C. A.; PEDRO, R. M. L. R. Reflexões sobre possibilidades metodológicas da Teoria Ator-Rede. **Cadernos UniFOA**, n. 14, p. 47-56, 2010.

OSBORNE, T.; JONES, P. I. Biosensing and geography: a mixed methods approach. **Applied Geography**, v. 87, p. 160-169, 2017.

PAIVA, D. *et.al.* Communicating the Urban Experience through Biosensing: A Participatory Approach. **The Professional Geographer**, v. 75, p. 1-10, 2023.

PATCHETT, M. Tracking tigers: recovering the embodied practices of taxidermy. **Historical Geography**, v. 36, p. 17-39, 2008.

PHILLIPS, C.; ATCHISON, J. Seeing the trees for the (urban) forest: more-than-human geographies and urban greening. **Australian Geographer**, v. 51, n. 4, p. 1-14, 2018.

PILE, S. Emotions and affect in recent human geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 35, n. 1, p. 5-20, 2010.

PYKETT, J. Geography and neuroscience: critical engagements with geography's "neural turn". **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 43, n. 2, p. 154-169, 2018.

REES, R. Geography and landscape painting: an introduction to a neglected field. **Scottish geographical Magazine**, v. 89, n. 3, p. 147-157, 1973.

RICKARDS, L. Goodbye Gondwana? Questioning disaster triage and fire resilience in Australia. **Australian Geographer**, v. 47, n. 2, p. 127-137, 2016.

RIESTO, S. *et al.* Plans for uncertain futures heritage and climate imaginaries in coastal climate adaptation. **International Journal of Heritage Studies**, v. 28, n. 3, p.1-18, November, 2021.

SÃO PAULO. **Portal do governo**. Informação disponível em <https://www.saopaulo.sp.gov.br>. Acesso em: 21 nov. 2023.

SHOUSE, E. Feeling, emotion, affect. **M/C Journal**, n. 8, 2005.

SILVA, H. R. dos S. *et al.* Caracterização epidemiológica de acidentes com animais peçonhentos entre 2012-2021: revisão sistemática. **Revista Ciência Plural**, v. 9, n. 2, p. 1-28, 2023.

SILVA, L. L. S. da. **A excepcionalidade da paisagem e do lugar: a transcendência da (i)materialidade por meio da mediação de subjetividades**. Belo horizonte e Montes Claros: Letramento e Editora IFNMG, 2023. 790p.

SPENCER, T.; WHATMORE, S. Editorial: Bio-Geographies: Putting life back into the discipline. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 26, n. 2, p. 139-141, 2001.

THIEN, D. After or beyond feeling? A consideration of affect and emotion in geography. **Area**, v. 37, n. 4, p. 450-456, 2005.

THRIFT, N. Intensities of feeling: towards a spatial politics of affect. **Geografiska Annaler**, v. 86, n. 1, p. 57-78, 2004.

THRIFT, N. **Non-representational theory: Space/politics/affect**. London: Routledge, 2008. 336p.

THRIFT, N. Understanding the affective spaces of political performance. In: SMITH, M. *et al.* **Emotion, Place and culture**. Farnham: Ashgate Publishing, 2009, p. 79-96.

TSING, A. L. O Antropoceno mais que humano. **Ilha – revista de Antropologia**, v. 23, n. 1, p. 176-191, 2021.

UJVARI, S. C. **A história da humanidade contada pelos vírus**. São Paulo: Contexto, 2012. 208p.

VANNINI, P. Non-representational ethnography: new ways of animating lifeworlds. **Cultural Geographies**, v. 22, n. 2, p. 317-327, 2015.

VILLIERS, M. de. **Água**: como o uso deste valioso recurso natural poderá acarretar a mais séria crise do século XXI. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. 457p.

WOLCH, J. Zoópolis. **Capitalism, Nature and Socialism**, v. 7, n. 2, p. 21-47, June, 1996.

WOLCH, J. Green Urban Worlds. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 97, n. 2, p. 373-384, 2007.

WYNNE, C. D. L. The perils of anthropomorphism. **Nature**, v. 428, p. 606, 2004.

ZARA, C. Venice in Varanasi: Fluid landscapes, aesthetic encounters and the unexpected geographies of tourist representation. **Shima**, v. 15, n. 1, p. 225-255, 2021.

Recebido: 06/04/2024

Aceito: 11/11/2024